

Grupos de Minaçu e da Ilha do Bananal não se entrosam em encontro e risco de extinção continua

# Fracassa tentativa de aproximar avás

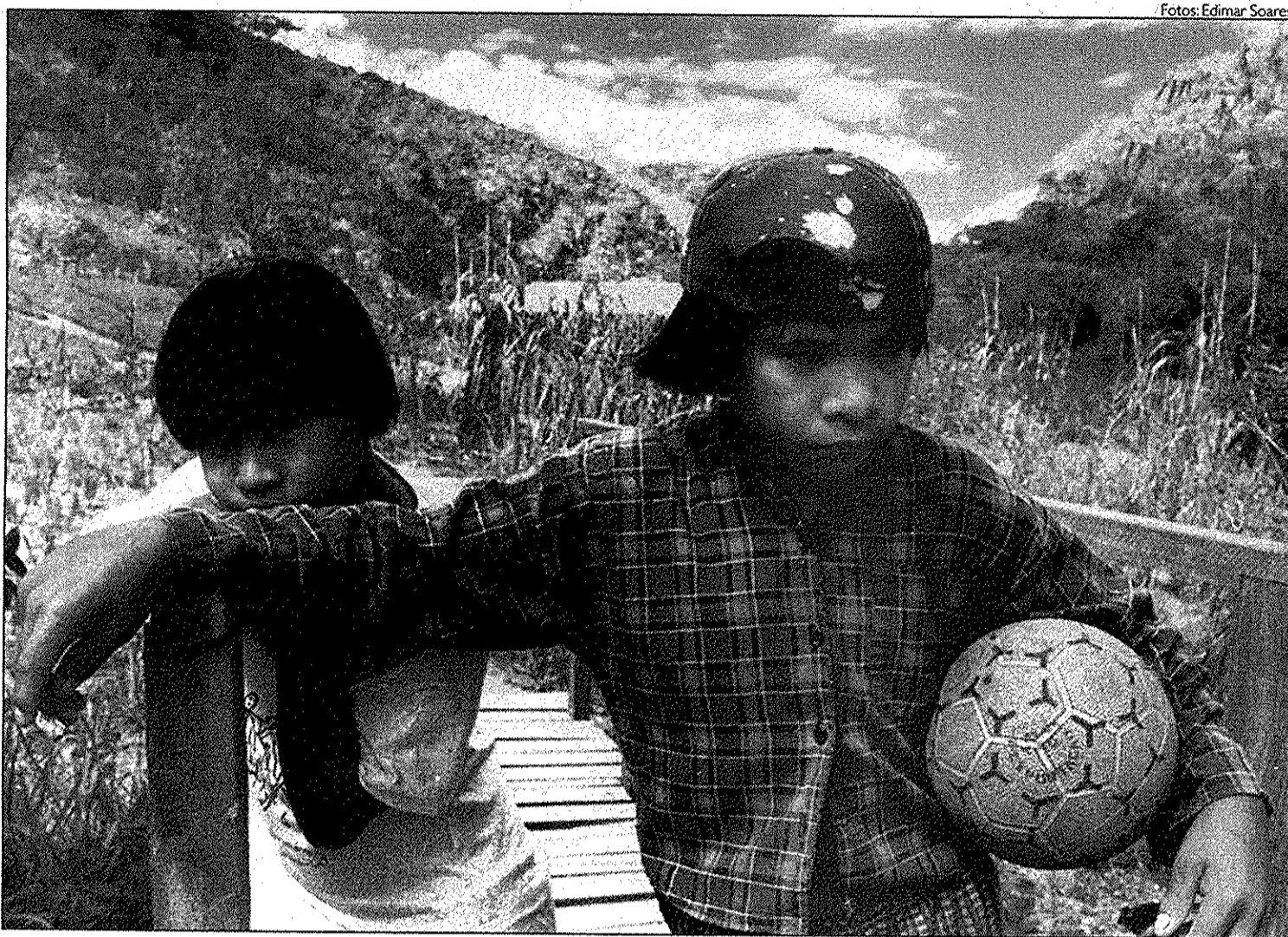
**Casamento** entre crianças das 2 famílias é a única esperança de manter viva a nação, mas diferenças dificultam a união dos grupos

MARIA JOSÉ BRAGA

da Reserva Indígena Avá-Canoeiro, em Minaçu

Pelo menos por enquanto, os dois grupos remanescentes da nação avá-canoeiro vão continuar separados: um na reserva indígena de Minaçu e outro na aldeia javaé, na Ilha do Bananal. O encontro entre eles — que começou no dia 13 e terminou no dia 18, quando o grupo conhecido como do Araguaia voltou à Ilha do Bananal — foi mais um entre os vários que ainda devem ocorrer para que possa criar um entrosamento real entre os dois grupos.

É desse entrosamento que pode surgir, no futuro, um casamento entre as crianças dos dois grupos, o que garantiria a continuidade da nação. Cada grupo é, na verdade, uma família, o que impossibilita a união de suas crianças (a cultura avá-canoeiro, como a ocidental, não admite o incesto). A única esperança, então, é que haja casamentos entre as famílias. Do contrário, a nação avá, com sua língua e sua



Fotos: Edimar Soares

**Os irmãos** Trumak e Putdjawa, do grupo de Minaçu: bons companheiros para os amigos da Ilha do Bananal, que não quiseram ficar no local

cultura, vai desaparecer.

Para que essa possibilidade exista no futuro, as crianças precisam estar próximas e os dois grupos entrosados. Isso, entretanto, não parece fácil. O grupo do

Araguaia (quatro adultos e cinco crianças — existe um quinto adulto, uma mulher que não vive com o grupo) é muito diferente do chamado grupo do Tocantins (quatro adultos e duas crianças,

que habita a reserva indígena de Minaçu. Eles, na verdade, pertencem ao povo avá-canoeiro, mas descendem de tribos diferentes, e tiveram as diferenças aguçadas pela história de sobrevi-

vência de cada um.

## Língua

O grupo do Tocantins foi contatado pela primeira vez em 1983 e, apesar de várias mudanças, não saiu da re-

gião onde habitava: o Norte do Estado. Já o grupo do Araguaia foi contatado entre 1973 e 1974 e teve de deixar a Mata do Café — também no Norte do Estado, mas uma região de terras férteis —, sendo transferido à força para a Ilha do Bananal. Na Ilha, os avás foram morar junto com os javaés, seus antigos inimigos.

A convivência com javaés, carajás e tuxás, e com os brancos, acentuou as diferenças entre as avás do Araguaia e os do Tocantins, os quais ainda hoje vivem quase que em total isolamento. As cinco crianças do primeiro grupo, por exemplo, falam apenas o português e até os seus nomes são na língua de Camões: Davi, Angélica, Sirlene, Diego e Brena. Já Trumak e Putdjawa, as duas crianças de Minaçu, quase não falam o português.

Além da língua e dos costumes, até a geografia não ajuda muito a aproximação dos dois grupos. Os avás da Ilha do Bananal estão acostumados com praia, água e vegetação abundantes. Na reserva indígena de Minaçu, estranham a secura do local, os morros, os rios pequenos e a vegetação do cerrado. O passeio da semana passada, por exemplo, foi considerado bom, mas ninguém queria ficar no local, nem crianças nem adultos.



**Crianças** brincaram muito, mas insistiram em voltar para casa

## Só 15 dos 2,5 mil índios sobreviveram

Os 15 índios avá-canoeiros são remanescentes de uma nação que era numerosa e valente. Estima-se que há dois séculos eles somavam cerca de 2,5 mil índios, que viviam em pequenas aldeias (com cerca de 150 a 200 habitantes cada) e se caracterizavam por serem exímios canoeiros.

Por não aceitarem a aproximação com os brancos, a população avá foi diminuindo, vítima de sucessivos massacres. O Serviço de Proteção ao Índio (SPI) registrou o primeiro deles em 1927, no atual município de Formoso. O último massacre ao povo avá

ocorreu por volta de 1970. A aldeia de Matcha, de Nakwachta e de lawi (uma criança na época) foi dizimada por colonizadores.

Matcha, que estava grávida e depois deu à luz Tuia, comandou o pequeno grupo, que sobreviveu se escondendo nas matas e nas cavernas da Região Norte, até o contato em 1983. Pelos relatos de Matcha, entre 120 e 150 índios foram mortos. Também sobrevivente de massacres, o grupo comandado por Tutau foi contatado entre 1973 e 1974 e transferido para a Ilha do Bananal. Eram nove na época do contato.

## Crianças brincam juntas mas adultos mantêm-se distantes

O índio lawi (aproximadamente 40 anos), bem-humorado, foi o anfitrião do grupo que se deslocou da Ilha do Bananal até Minaçu para mais um encontro entre as duas famílias avás. As mulheres adultas da tribo — a matriarca Matcha (cerca de 63 anos), sua irmã Nakwachta (58 anos) e a filha Tuia (aproximadamente 30 anos) não deram muita importância às visitas, mesmo se tratando de parentes.

Uma doença repentina que fez Matcha recolher-se à

sua casa. Disse que tinha machucado um olho. A desculpa foi aceita pelos dois adultos visitantes, Tutau, o mais velho do grupo do Araguaia, e sua filha Kaukama, que tem apelido de Macaquira (Tatia e Agadymin não participaram do encontro). Os dois contentaram-se em passear na companhia de lawi, das crianças e da historiadora Dulce Madalena Rios Pedroso, que acompanhou o grupo visitante durante toda a viagem. E não pareciam muito à vontade no lugar.

Já as crianças se divertiram juntas nos passeios pelas serras, nos banhos de rio, durante as refeições coletivas ou nas brincadeiras tipicamente infantis. Trumak (12 anos) e principalmente Putdjawa (10 anos) foram bons companheiros para Sirlene (9 anos), Diego (6 anos) e Brena (4 anos). Davi, um adolescente de 15 anos, e Angélica, de 12 anos, ficaram de fora das brincadeiras, mas mesmo assim não se isolaram.

Trumak e Putdjawa são filhos de lawi e Tuia. Davi,

Angélica, Diego, Brena e Sirlene são filhos de dois casamentos de Macaquira, um com um índio javaé e outro com Gildo, seu atual marido da nação tuxá. Os adolescentes e crianças do grupo do Araguaia convivem com outros índios de suas idades, mas Trumak e Putdjawa não têm essa opção. Se não der certo a aproximação entre os dois grupos, eles devem ser colocados em contato com índios de outras nações, também do grupo tupi, do qual fazem parte.

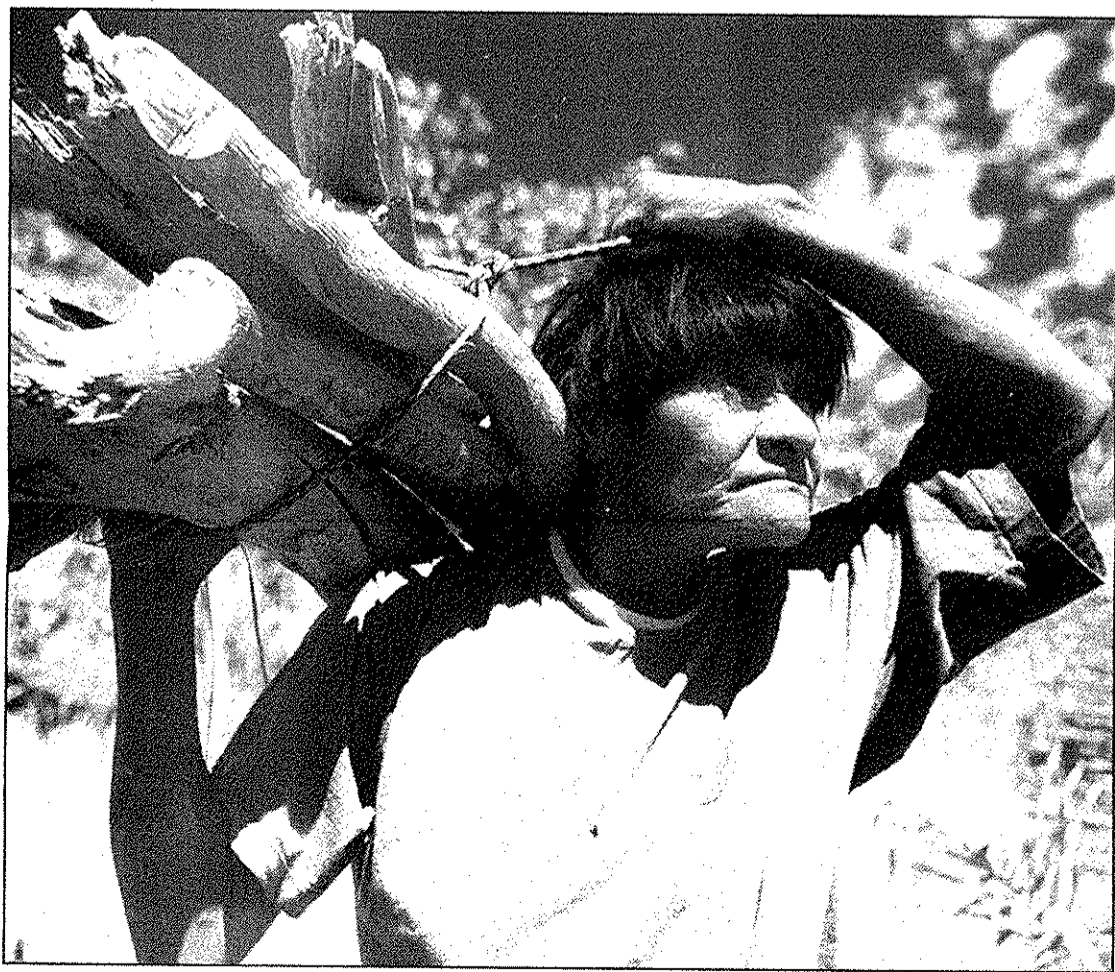
## Luta contra o fim de uma nação

O encontro que terminou no dia 18 é o quarto promovido para aproximar os dois grupos remanescentes de avá-canoeiros. A iniciativa é de pesquisadores do Instituto Goiano de Pré-História e Arqueologia, da Universidade Católica de Goiás, e do indigenista Walter Sanches, responsável pelo posto da Fundação Nacional do Índio (Funai) de Minaçu.

Eles querem que o grupo do Araguaia transfira-se para a reserva de Minaçu. Os nove índios que moram na aldeia javaé, segundo dizem, não têm qualquer tipo de assistência da Funai e também são discriminados pelos outros índios que vivem na ilha. Já os seis avás que formam o grupo do Tocantins têm uma reserva de 38 mil hectares só para eles e poderiam dividi-la com os parentes distantes.

## Resistência

“Sabemos que isso não é fácil. Eles historicamente se dividiam em dois grupos. É a mesma nação, mas com hábitos e culturas diferentes”, reconhece Walter Sanches. Segundo ele, os dois primeiros encontros entre os grupos (em 85 e 91) foram “desastrosos”, mas o terceiro deles, realizado ano passado na Ilha do Bananal, os animou a organizar o quarto. “A gente tem sempre colocado a possibilidade de os dois grupos habitarem a reserva e me parece que eles estão menos arredios à idéia”, diz. A historiadora do Instituto



**Matriarca** Matcha: indiferença à visita dos parentes distantes e desculpa de doença repentina

Goiano de Pré-História e Arqueologia (IGPA), Dulce Madalena Rios Pedroso, também admite que a resistência dos dois grupos às tentativas de aproximação é natural. Mas, segundo ela, esse é o único esforço que pode ser feito para evitar o fim do povo avá-canoeiro. “Nós estamos dizendo a eles que existe uma chance de continuarem sendo avá-ca-

noeiros”, comenta.

Segundo ela, seria uma perda irreparável que uma história de resistência como a dos avá-canoeiros fosse destruída. “De certa forma nós estamos sim fazendo um trabalho de convencimento. Acreditamos que o melhor é eles se unirem e resgatarem a história da nação. Mas a decisão é deles”, enfatiza.

Autora do livro *O Povo Invisível*, Dulce diz que muitos outros encontros como o que termina hoje devem ser promovidos para que a possibilidade de união entre os dois grupos possa vir a se concretizar. “É a única forma da garantir a sobrevivência da língua, dos costumes e das tradições dos avá-canoeiros”, afirma.